

Modernistas: Precisávamos destruir

A revista Klaxon tem mais importância do que a Semana de 1922? Os modernistas adotaram ou não o termo futurismo para o movimento? Quem patrocinou a Semana? Villa-Lobos influenciou ou foi influenciado pela Semana? No campo plástico, quem foi o pioneiro — Lasar Segall ou Anita Malfatti? Os modernistas eram apenas "mocinhos irreverentes"? O modernismo encobria intenções econômicas? E o verde-amarelismo de Plínio Salgado? E a Revolução? *O Estado*

A intenção do Museu da Imagem e do Som de São Paulo não foi a de trazer uma nova luz a estes e outros tópicos, quando reuniu, sábado à noite, na casa da pianista Guiomar Novaes, alguns artistas e intelectuais da hoje quase cinquentenária Semana de 22: Di Cavalcanti, Menotti Del Picchia, Guiomar Novaes, Tarsila do Amaral, Renato de Almeida, Sérgio Buarque de Holanda, John Graz; os convidados Aracy Amaral, José Geraldo Moutinho, Paulo Mendes de Almeida, as viúvas de Brecheret e Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade Filho e Souza Lima, entre outros.

O objetivo do MIS — conforme Paulo Emilio Salles Gomes, coordenador da entrevista — foi gravar e filmar para a posteridade as vozes e as figuras dos modernistas que ainda estão vivos e puderam ser reunidos.

A luz de candelabros, entrecortada vez ou outra pelos flashes dos fotografos, os depoimentos se sucederam, a princípio lentos e quase inibidos, para, depois, ganharem eloquência, humor, polêmica. Guiomar Novaes — que ficaria todo o tempo sentada, imóvel, apenas acompanhando com os olhos os debates — abriu a noite tocando duas peças, uma delas "A Marcha Funebre", de Chopin.

OS DEPOIMENTOS

O prof. Renato de Almeida é o primeiro a depor. Chama a atenção para o fato de que Chopin foi quem rompeu com a harmonia clássica. "Não eramos contra o passado, mas contra o passado. Queríamos o avanço da música. Eramos jovens e precisávamos destruir". A idéia da Se-

mana foi de Di Cavalcanti, afirma o autor da "Historia da Musica Brasileira".

Arma-se a polemica em torno da figura de Villa-Lobos. "Ele já era conhecido quando fizemos a Semana", diz Renato de Almeida. Aracy Amaral levanta a hipótese de que Villa-Lobos teria tocado em cervejarias. Di Cavalcanti, até aí sonolento, confirma: "Villa-Lobos já era conhecido, mas nunca tocou em cervejaria".

Menotti Del Picchia (ao lado de Guiomar Novaes): "Villa-Lobos já era modernista, antes da Semana de Arte Moderna". Explica que o compositor não foi ao Municipal da casaca e chinelo num dos pés porque era a "indumentaria modernista" — como se comentou na época — mas, simplesmente, porque tinha uma infecção no pé.

Oswaldo de Andrade Filho diz que seu pai, Oswald de Andrade, certa vez lhe contara: em Paris, Villa-Lobos manifestou o desejo de estudar com Satti. Este, ao saber da idade do compositor brasileiro (18 anos), teria dito: "Está muito velho". O maestro Souza Lima lembra que Arthur Rubinstein, quando aqui esteve pela primeira vez em 1918, foi quem descobriu verdadeiramente Villa-Lobos, "até então apenas conhecido como um boêmio, um tocador de violão".

LITERATURA

Menotti Del Picchia diz que a Semana de Arte Moderna não se limitou àquelas três noites — 13, 15 e 17 de fevereiro, no Teatro Municipal. "E nem eramos mocinhos irreverentes. Houve uma longa preparação. Sentíamos as revoluções que, então, estavam sendo feitas no mundo". Era di-

retor do "Correio Paulistano", órgão muito poderoso, filiado ao Partido Republicano Paulista, razão por que pôde fazer das colunas do jornal a tribuna para defender o modernismo contra "seus detratores" e atacar o passado, literariamente representado, então, pelos parnasianos. Nem parece o poeta lírico do "Juca Mulato" que fala, mas sim, o deputado inflamado, que, certa vez, teve de fugir para não ser preso.

Exaltado, Menotti Del Picchia continua defendendo o movimento modernista: Foi a partir dele que nasceram as grandes modificações deste País. "Na língua, por exemplo — eramos colônia ainda de Portugal. Tínhamos medo de colocar mal um pronome. Apenas escreviamos em Português as idéias francesas"; descobriu-se o Brasil para os brasileiros; "Queríamos terminar com aquele meridiano que separava o litoral do interior, onde o Jeca Tatu nem sabia assoviar"; homens conscientes é que tomaram "a peito a tarefa de reformular este País".

"Então fomos para o Municipal. O povo queria nos vaiar, e nós queríamos ser vaiados. Mas nós já conhecíamos a experiência de Marinetti". Descreve as noites de vaias no Teatro Municipal. Fala da beleza física de Ronald de Carvalho, "que agradava as mocinhas na plateia. Quando ele começou a falar, alguém, no fundo, imitou latidos de um cachorro".

Renato de Almeida lembra que os jornais do Rio deram integral apoio à Semana, o que já não aconteceu com a alta sociedade. Em São Paulo deu-se o inverso. "No carnaval do Rio, naquele ano, até carros alegóricos comentavam o modernismo".

Sérgio Buarque de Holanda ("muito prazer. Eu sou o pai do Chico") coloca em pauta a questão da palavra "futurista". Menotti Del Picchia esclarece que o termo, a princípio, foi aceito pelos modernistas mas depois, abandonado.

PINTURA

Di Cavalcanti desvia o rumo dos depoimentos, da exaltação e da polemica para o humor des-

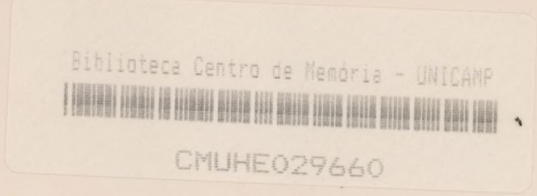
contraído. Nega que Graça Aranha e Paulo Prado tenham tido a idéia da Semana de Arte "por dinheiro ou intenções ligadas ao café". Teve dificuldade para "catar" artistas plásticos para a exposição. Cita alguns nomes: Anita Malfatti ("ela já era anterior"), John Graz, Vicente do Rêgo Monteiro, Brecheret — "Acho o monumento das Bandeiras muito futurista. Brecheret devia ter feito só suas cabeças, seus nus. Ele era um puro. Acho horrível aquele monumento".

Refere-se aos quadros grandes de John Graz. "Um deles era chamado *Mis au Tombeau*. Na época alguém o traduziu para "Missa no Tumulo". Fala de suas próprias obras de então, "que tinham mulheres tristíssimas. Nunca pude imaginar mulheres nos meus quadros que não sejam tristes, a espera do homem perdido". Elogia Menotti Del Picchia: "Sabe contar, como ninguém, as coisas, mesmo deformando — ele não deformou — mas antes o tivesse feito, seria melhor". Menotti defende Brecheret: "Tinha mãos mágicas". "Você com esse negócio de mãos mágicas", corta Di Cavalcanti.

Tarsila do Amaral — a musa dos modernistas, grande paixão de Oswald de Andrade, — diz poucas coisas: "Não tomei parte na Semana; cheguei da Europa só em junho daquele ano".

O humor de Di Cavalcanti acaba por desmontar a cerimonia da reunião. Artistas e convidados já se levantam de suas cadeiras, formam grupinhos a parte, conversam animadamente sobre o preço das entradas nas noites do Municipal, sobre um sapato "muito bicudo" que as pessoas usavam na época, sobre Jaime Ovalle: "Ele amava uma pomba que vinha todos os dias à sua janela. Quando ela fugiu, chorou como criança".

Depois que cameras e microfones foram desligados, os modernistas ainda ficaram muito tempo na sala do casarão de Guiomar Novaes, conversando sobre a "Revolução das revoluções brasileiras", como um presente definiu a Semana de 22.





Em sua casa, Guiomar Novaes reencontra Tarsila do Amaral